

NOTA SÓBRE MCLUHAN

Re-pensar Mcluhan não consiste em reunir os cacos dum pensamento fragmentário e que se diz êle próprio “exploração” ou “mosaico”, para depois o re-com-por sob a virtualidade duma unidade suspeita. Trata-se muito anteriormente de atingir através de percepções sem centro, o movimento **selvagem** (Merleau-Ponty) que rompe os quadros habituais daquilo que constituímos como realidade e discurso. Mcluhan preocupa-se (isto poderá **parecer** menos rigoroso, mas pouco importa) com uma única coisa: a História. Não a história que se conhece como cronologia, representada já pelos modelos do tempo comum (ou do tempo formalizado) tempo comum esse por sua vez viciado por um certo desenho da percepção no espaço; trata-se no caso de **Galáxia Gutenberg**, da **Compreensão dos media do acontecer** histórico tal como êle se dá no envolvimento da existência pelos objetos técnicos, pelas estruturas que aí se figuram e que não cabe traduzir nem descrever segundo as vantagens de tal ou tal discurso (psicológico, sociológico, político etc.)

Re-pensar Mcluhan, deve querer significar que Mcluhan pensa **o mesmo**: o movimento de pensamento que conduz seu discurso leva-o à repetição.

No fundo, o que resulta de **Understanding Media** é a tentativa duma ontologia dos meios de comunicação. O discurso de Mcluhan é não posicional, não se opõe perante a técnica-mas sabe-se posto; porque recusa erigir-se como produtor de significações abstraído das condições de produção (essa é a posição dos escritores ou ideólogos tradicionais, que vivem do paraíso do “ponto de vista”) — o discurso vai junto com as técnicas motivadoras. Ao rejeitarem-se, assim, as dicotomias cúmplices do sujeito e do objeto, do exterior gráfico e interior criativo, da percepção natural e do **learning** da técnica e do humanismo, o pensamento que se diz filosofia encontra em **War and Peace in the global village**, os motivos que o preocupam, a mesmidade dum vórtice de questionamento.

“Ao aceitar um grau honorífico da Universidade de Notre Dame, há alguns anos, o Gen. David Sarnoff declarou o seguinte: “Estamos sempre inclinados a transfor-

mar o instrumental técnico em bode expiatório dos pecados praticados por aqueles que o manejam. Os produtos da ciência moderna em si mesmos não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor Na afirmação de Sarnoff praticamente nada resiste à análise pois ela ignora a natureza do meio, dos meios em geral e de qualquer meio em particular, bem no estilo narcisístico de alguém que se sente hipnotizado pela amputação e extensão de seu próprio ser numa forma técnica nova . . . Nunca ocorreu ao Gen. Sarnoff que qualquer tecnologia pode fazer tudo, menos somar-se ao que já somos" (Os meios de comunicação — trad. D. Pignatari — pág. 25-6).

Para McLuhan a **representação da técnica** falha o seu **objeto**: o envolvimento da comunicação escapa à apreensão reflexiva. Sujeito teórico e objeto são recolhidos num movimento que anula as posições respectivas. Que d'scurso poderá portanto nomear tal condição da percepção e da tecnologia que a consome e constitui concomitantemente?

"O meio é a mensagem"

é menos uma proposição fácil que o índice de um novo esforço do pensar.

"O interesse antes pelo efeito do que pelo significado é uma mudança básica do nosso tempo, pois o efeito envolve a situação total e não apenas um plano do movimento da informação." (. . . .)" O efeito dum meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é outro meio". (ibidem, pág. 33).

O discurso não pode portanto existir em **survol** mas acha-se comprometido com aquilo que pretende denunciar: aqui a ingenuidade crítica dos contraditores (os maus leitores?) de McLuhan cai no círculo técnico (1).

O discurso político (ou sôbre a política) é êle próprio um fato técnico, um "certo ponto de vista, condicionado pelos meios, um perfil no Ser" (2).

(1). — exemplo desta atitude: o artigo de Gabriel Cohn: "McLuhan e o ecumenismo controlado". (a Parte n.º 2, Maio-Junho 1968).

(2). — Wittgenstein — Tractatus 5.633.

Poder-se-ia aliás perguntar se a descrição de McLuhan não encontraria ressonâncias bem curiosas na filosofia de Nietzsche; "não há fatos só interpretações", todos os conteúdos, dos meios são outros meios — aonde a significação positiva, neutra? Aliás é por sua vez a ideia de Nietzsche que encontra

Afasta-se assim uma concepção da técnica: a técnica a serviço dos designios humanos, o projeto psicologista duma relação de certos fins a certos meios, causalidade escolástica, a dignidade ontológica de ambos, o círculo vicioso das boas intenções éticas e outros lugares comuns.

A técnica não é pensada sob o modelo da causalidade metafísica, a comunicação não concede a separação habitual meio-mensagem. Temos, assim, uma fórmula que está bem longe do ponto de vista **consciencioso** da linguagem habitual. O que faz coincidir o estilo de pensamento de Heidegger e McLuhan é o abandono da reflexão.

“É exato que a tendência moderna seja também ela um meio para certos fins. Eis porque a concepção instrumental da técnica dirige todo o esforço para colocar o homem numa relação justa com a técnica. O ponto essencial é manejar de maneira correta a técnica entendida como meio. Quer-se, como costumam dizer, “conduzir” a técnica e orientá-la para fins “espirituais”. Desejam tornar-se senhores da técnica. Essa vontade de tornar-se senhor da técnica torna-se tanto mais insistente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem” “Suponhamos agora que a técnica não seja um simples meio: que oportunidades restam então àquela vontade que se deseja tornar dirigente?” (Heidegger, *La question de la technique* Essais et conférences pág. 11).

Também aqui uma penetração da técnica nos leva a deixar a postura que coloca frente a frente uma vontade (?) e conjuntos instrumentais; esta penetração **no que é**, resolve-se, é certo, numa explicitação do discurso habitual, e chama-se-lhe, à falta de melhor, metafísica.

A descrição que McLuhan faz das **extensões** tecnológicas do corpo humano (origem que uma vez esquecida conduz inevitavelmente aos mal entendidos da reflexão, da alienação da alienação) mereceria por si só uma leitura pensada, levada a efeito a partir dos pressupostos ontológicos duma filosofia do corpo como a de Merleau Ponty ou de Husserl. Pouco nos interessa o mecanismo da **explicitação**, que por exemplo:

uma reformulação na semiótica de C. S. Peirce — só há significantes e nenhum significado independente, absoluto. Do mesmo modo, em Nietzsche a “vontade” — que é objeto de outras vontades que lhe impõem sua lei e sentido — e assim instalam no mundo o jugo do “seu” sentido, (a sua filosofia), e só elas são interpretas, merece ser reinventada. (Nietzsche — vontade que interpreta, Pierce — interpretante).

“ o princípio de auto-amputação como alívio imediato para a pressão exercida sobre o sistema nervoso central prontamente se aplica à origem dos meios de comunicação desde a fala ao computador” —

mas preocupa-nos, isso sim, o andamento (*the gait*), a direção do pensamento todo éle comandado por uma *allure* pensante.

Mcluhan propõe uma nova versão da **alienação** constituinte da Fenomenologia. Hegeliana.

“Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central” (ibidem pág. 61).

O impacto destas descrições é inteiramente hegeliano. Nelas o corpo é posto como mediação entre Natureza e Cultura

“Fisiologicamente no uso normal da tecnologia (ou seja, do corpo em extensão vária) o homem é perpetuamente modificado por ela, mas em compensação sempre encontra meios de modificá-la. (ibidem, pág. 64).

Não nos surpreenderá, portanto, que se possa ler **Understanding Media** tendo como a priori categorial o Da-Sein vivendo no meio da TV, cinema, telefone, imprensa e propaganda, como outros tantos elos do sistema significante mundial, mundo de sentido, Mundo.

“o existencialismo nos oferece uma filosofia de estruturas mais do que categorias e de envolvimento social total, em lugar do espírito burguês do individual e do ponto de vista” (pág. 66).

O aspecto filosófico mais penetrante fornecido por Mcluhan refere-se sem dúvida ao papel que atribui à Arte. Tal como Hölderlin ou Klee para Heidegger seriam horizonte móvel duma forma de **habitar** a técnica, e nos dariam a chave de sua essência como **poiesis**, também para Mcluhan a Arte moderna é a única forma possível de conhecimento social e **ajustamento** aos efeitos sem centro da técnica. Em ambos os casos o que se põe radicalmente é a modernidade da arte: sua contemporaneidade essencial com a técnica...

“Ao se operar uma sociedade com uma nova tecnologia, a área que sofre a incisão não é a mais afastada. O sistema inteiro é que muda. O efeito do rádio é visual, da fotografia é auditivo ... O que procuramos hoje é controlar esses deslocamentos das proporções sensoriais da visão social e psíquica — quando não evitá-los por completo ... Nenhuma sociedade teve um conhecimento suficiente de suas ações a ponto de poder desenvolver uma imunidade contra suas novas extensões ou tecnologias. Hoje começamos a perceber que a arte pode ser capaz de prover uma tal imunidade. (pág. 84).

Se por outro lado, a filosofia do nosso tempo é e continuará a ser — consciência da linguagem, e se só muito recentemente começou a saber que a **linguagem**, a escrita, são também formas muito particulares de tecnologia, portanto, de violência perceptiva — a obra de McLuhan é, no mais alto grau, uma obra especulativa. Heidegger já havia “encaminhado” durante muito tempo uma crítica do pensar ocidental todo êle carregado de **metáforas**; sobretudo a predominância da visão na metafísica. Hoje, o pensamento continua à procura de si mesmo: Derrida (como McLuhan) mostra como o discurso tem sido sempre definido foneticamente, e como no fundo, o idealismo que subjaz a essas definições (diferenças entre som, visão e significado) leva a uma concepção demasiado fácil da linguagem. Se a história não é linear, se nela há rupturas, dialética muito mais perto de Heráclito e Hegel do que de Marx — a obra de McLuhan é nova leitura dessa história. Tenta fazer-nos compreender o porquê dessas mudanças da percepção que são também mudanças no pensar — e pensar a mudança da percepção “**é o mais difícil**” .. (pág. 194).

Dai a necessidade da arte. Tal como a metafísica hibernou nesse entorpecimento da questão que devia ligar o ser à temporalidade também a nossa percepção plástica e literária desconhecia estar implicada com a questão do alfabeto fonético, senso comum duma certa representação do número ou do signo gráfico.

“Na era da fotografia, a linguagem adquire um caráter gráfico ou icônico, cujo significado tem pouco a ver com o universo semântico e nada com a república das letras.” (pág. 222).

Mas, isto, a filosofia já o sabia.

A revolução radical começa com a percepção: a Fenomenologia tem-se cansado de repetir isto; mas esta percepção não é natural, nem tão pouco um ponto de vista: ela põe o natural — da mesma forma que o natural está no técnico. A idéia de informação fornece-nos particularmente uma nova temporalidade que atua sôbre tôdas nossas representações habituais, e que **enforma** por completo o psicológico e o social; é là que é possível pensar.

**THE NEW MÉDIA ARE NOT BRIDGES BETWEEN MAN
AND NATURE; THEY ARE NATURE**

Armando Mora Oliveira